

Quem se candidata ao anonimato?

Cláudio Herman Pawel ¹⁷

O Teatro de Reprise

O Grupo Reprise existe há cinco anos; seu trabalho, pioneiro no Brasil, é inspirado no *Playback Theatre* (PBT) idealizado pelo americano Jonathan Fox. A idéia é simples: uma pessoa da platéia conta uma história que, em seguida, é encenada improvisadamente. Acompanham o grupo dois músicos que entretêm a platéia nos intervalos entre as cenas, além de serem responsáveis pela trilha sonora das dramatizações.

Como o psicodrama, o PBT (em português, Teatro de Reprise) baseia-se na encenação do improvisado. Entretanto, queremos salientar que o psicodrama tende a ser uma vivência que, em seu andamento, privilegia a expressão emocional (Aguiar, 1990). Já o Teatro de Reprise (TR), ao se apoiar num grupo de atores em constante aprimoramento técnico, alia conhecimentos da psicologia e da sociodinâmica ao das principais propostas estéticas que compõem a cultura teatral contemporânea. Assim, O TR busca alcançar o delicado equilíbrio entre a maximização das emoções e a ampliação da capacidade reflexiva dos participantes.

Em outras palavras, ao se encenar improvisadamente uma história narrada por alguém da platéia, o Grupo Reprise busca fazê-lo intensificando a emoção af embutida sem, no entanto, fazer qualquer tipo de concessão à linguagem dramática ou de qualquer outra ordem.

Ao nosso ver, a participação do grupo num evento como o I Encontro Nacional entre Psicodramatistas e Educadores, justifica-se plenamente, tendo em vista o alto valor educativo do nosso trabalho. A experiência psicodramática, de maneira geral, visa a intervir socialmente, com a finalidade de promover uma ampliação da consciência do indivíduo em grupo com respeito a conflitos e/ou contradições causadoras de estagnação ou de inoperância que comprometem aspectos da vida dessas mesmas pessoas ou grupos.

No que diz respeito ao Teatro de Reprise, acrescenta-se a isso, uma especial valorização do indivíduo, que se encontra ilhado em sua suposta insignificância. Esse isolamento se rompe por meio da experiência coletiva, a qual permite que cada um encontre um significado histórico coletivo para suas características pessoais.

Histórias cotidianas, sem brilho ou significado maior, adquirem, com a recriação do Grupo Reprise, uma força que surpreende aos narradores e à platéia, conferindo-lhes intenso sentimento de dignidade e auto-valorização. O impacto da experiência impõe aos participantes, no mínimo, a compreensão de que a história de cada um tem muito a ensinar. Ao se saber parte de um movimento que o transcende, o participante (narrador ou não) compreende que sua ação isolada é muitas vezes impotente devido a incongruência entre as propostas individuais e os projetos coletivos.

A Universidade e o Psicodrama

O último Encontro de Professores-Supervisores da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), ocorrido em novembro de 1997, destinou parte de seu temário à questão das relações entre a universidade e o psicodrama. Não foi a primeira vez, e provavelmente não será a última, em que colegas se reúnem para discutir por que o psicodrama *lato sensu* tem dificuldades em encontrar espaços dentro da universidade.

Antes de examinar as razões dessas dificuldades, convém fazer algumas observações. O movimento psicodramático brasileiro, até alguns anos atrás, se caracterizou por sua relativa independência e autonomia. Associações privadas ou sem fins lucrativos incumbiram-se do ensino e da pesquisa do psicodrama, sendo que a maioria delas reunia-se em torno da FEBRAP.

A FEBRAP tornou-se, na prática, um órgão fiscalizador e normatizador no que diz respeito à qualidade da formação do psicodramatista, em que pesem as dificuldades na execução dessa tarefa. Mesmo as entidades não filiadas à FEBRAP acabaram, de um modo ou de outro, por tomá-la como referência na elaboração de seus currículos.

De alguns anos para cá muitas entidades fecharam. Outras cidiram-se em duas ou mais em razão de disputas pessoais ou ideológicas. Em consequência os cursos de psicodrama perderam em qualidade. Ao mesmo tempo, numa tentativa de recuperar o prestígio que sempre acompanhou o psicodrama brasileiro, algumas instituições de ensino procuraram parcerias com universidades renomadas, como ocorreu com a SOPSP – Sociedade de Psicodrama de São Paulo.

Ao se ambientar na universidade, a formação do psicodramatista recebe paralelamente a chancela do MEC (Ministério da Educação e da Cultura), gerando-se, a partir daí, pelo menos três categorias de cursos:

- a) reconhecido pelo MEC
- b) reconhecido pela FEBRAP
- c) reconhecido tão somente pela entidade na qual se formou.

Ressalte-se, também, que, à semelhança das sociedades de psicanálise, as entidades formadoras de psicodramatistas – em particular aquelas voltadas à Clínica – exigem de seus alunos que se submetam a um processo psicoterápico psicodramático. Muitos profissionais da área comungam da opinião de que a psicoterapia pessoal é o momento privilegiado na formação do psicoterapeuta. É, como querem muitos, a condição *sine qua non* para a formação de um psicoterapeuta competente.

Contudo, essa exigência torna-se parcialmente obsoleta na medida em que a formação do psicodramatista passa a ser avaliada pelo MEC. Registre-se, no entanto, que um órgão como o MEC, incumbido de determinar parâmetros no tocante à qualidade do ensino, carece de competência e estaria extrapolando suas funções no que diz respeito ao controle da saúde mental do pleiteante ao título de especialista em psicoterapia psicodramática.

A competência para o exercício profissional, no Brasil, é conferida tradicionalmente, pelos órgãos de classe, sendo que os psicoterapeutas, dentre os quais os psicodramatistas, não constituem um órgão específico. Ao contrário do que acontece, por exemplo na Inglaterra, onde funciona um Conselho de Psicoterapeutas.

Ocorre que, o psicodramatista considerado apto a ministrar cursos, supervisões e outras atividades didáticas, e com larga experiência prática, perde parte de seu prestígio ao ver-se confrontado com a perspectiva de ser obrigado a revalidar seu conhecimento por meio de uma pós-graduação *stricto sensu*. As reações diante dessas situações são as mais díspares. Embora não devamos generalizar, é preciso reconhecer que alguns colegas psicodramatistas confiam no valor em si dos anos de experiência prática que possuem, sem contudo se darem conta de que essa experiência, por mais interessante e preciosa que possa ser, nem sempre contempla os parâmetros mínimos da cultura universitária. É inegável que muitos colegas, mesmo sem ter frequentado uma pós-graduação formal, desenvolveram autodidaticamente um conhecimento sólido e valioso para o desenvolvimento do próprio psicodrama.

Nesse sentido, se faz necessário encontrar alternativas para que esses profissionais sejam de alguma forma preservados neste momento de crise institucional que o movimento psicodramático enfrenta. Por outro lado, é preciso levar em conta que o meio acadêmico tem se mostrado precário em vários aspectos, entre os quais ressalta-se o tempo enorme consumido com procedimentos basicamente burocráticos, em detrimento da produção e transmissão do conhecimento.

O espírito crítico, que merece todos os elogios enquanto tal, volta-se com extrema facilidade e agudeza contra o conhecimento produzido fora do

âmbito acadêmico, porém trata com benevolência esse mesmo conhecimento, quando construído no interior da universidade. Essa atitude esconde, antes de mais nada, o receio da perda de privilégios conquistados, não sem esforços, em termos sociais mais amplos.

De qualquer maneira, existem alguns exemplos de parcerias entre instituições de psicodrama e universidades brasileiras, assim como vários psicodramatistas no Brasil e no exterior, empenhados em produzir teses nas quais o psicodrama constitui a principal referência metodológica. Essa tendência parece crescente.

É possível, portanto, que estejamos discutindo uma realidade ultrapassada pelos novos ventos que embalam tanto a universidade como o psicodrama. Contudo, como a história é dinâmica e complexa, alguns setores da universidade talvez não se tenham modernizado, ou venham a experimentar um refluxo dessa tendência – situação perfeitamente plausível, desde que consideremos a contextualização do conhecimento, dependente de interesses político-ideológicos sempre mutáveis.

O Encontro de Brasília, aconteceu dois meses antes do XI Congresso (e IV Encontro Latino-Americano) de Psicodrama, sob o tema “Atualizando a Cena”. Inevitavelmente, seus participantes acabaram vivendo por antecipação o congresso de novembro. Se perguntarmos que “cena” o encontro de educadores e psicodramatistas atualizou, obteremos várias respostas.

Pessoalmente, a cena que mais me tocou refere-se à reafirmação do que venho constatando: nós, psicodramatistas, só temos a ganhar em encontros com outras categorias profissionais e/ou setores sociais não-psicodramáticos. Estou falando especificamente da mesa redonda de que participei, cujo tema consistiu em Arte, Educação e Teatro. Na ocasião, psicodramatistas voltados quer para a psicoterapia, quer para a educação, professores de arte-educação, pedagogos e outros, reuniram-se com a mais genuína disposição de, antes de mais nada, discutir séria e profundamente o tema, aproveitando o tempo como poucas vezes presenciei em encontros semelhantes. Da mesma maneira, como co-coordenador de uma oficina de Teatro de Reprise, na qual participaram adolescentes do “Se Liga, Galera!”, testemunhei a garra própria da juventude, que temperou de modo todo especial a vivência, contaminando-a com alegria e vitalidade.

Difícilmente esquecerei a experiência (descrita de forma resumida em artigo recentemente publicado – Pawel, 1998), na qual constatei a enorme importância do confronto com os “diferentes” para o fortalecimento dos psicodramatistas como parceiros, no sentido de favorecer o desenvolvimento técnico-teórico do psicodrama. No mencionado artigo, saliento o efeito causado

em mim pela descoberta de que uma jovem de vinte e cinco anos (com diagnóstico de esquizofrenia e que se apresentava como paciente), com muita sensibilidade, habilidade e principalmente objetividade, foi capaz de dirigir uma sessão de psicodrama na qual metade do grupo era de profissionais da área.

Colegas de áreas correlatas e leigos, ao participar conjuntamente de experiências psicodramáticas, assim como de sua análise técnico-teórica, concorrem para que o psicodrama aproxime-se ainda mais de seus princípios doutrinários. Cabe aqui lembrar que Jacob Levi Moreno teve marcante colaboração no avanço e consolidação do que chamamos hoje de pesquisa-ação, no âmbito das ciências humanas. Portanto, a metodologia psicodramática comporta experiências de que, em última análise, todos os integrantes são, a um só tempo, sujeitos e objetos.

A presença de “leigos” entre psicodramatistas tem o efeito de neutralizar disputas mesquinhas, próprias do espírito corporativista. A tendência daí decorrente é concentrar a atenção no enfrentamento de questões e dificuldades que habitualmente relegaríamos a segundo plano ou simplesmente esconderíamos nos porões do nosso co-inconsciente.

De quem será o próximo milênio?

Por outro lado, cumpre salientar que estão em voga os congressos, simpósios etc. preocupados em prever as tendências do que quer que seja, no próximo milênio. Em coerência com o que considero fundamental no psicodrama, penso que quem se considera psicodramatista deve estar de olho no presente. Entendo que não exista princípio mais caro à filosofia moreniana do que a categoria de “momento”. Naffah Neto (1979) assinala, de forma bastante clara, que o homem moreniano é um ser-em-situação, aberto às virtudes do presente.

Portanto, o dever do psicodramatista hoje, amanhã e sempre, é franquear às pessoas os instrumentos necessários para que estas possam desempenhar seus papéis de maneira flexível, criativa e adequada às demandas do momento. É claro que com isso não anulamos a perspectiva de futuro. O ‘próximo milênio’ torna-se presente de modo natural, em razão da doutrina moreniana; as previsões e ideais passam a ter vigência no aqui-e-agora.

Na qualidade de psicodramatistas, devemos incentivar nossos clientes a examinar a adequação desses projetos, estimular mudanças que se façam necessárias à sua viabilização e, sobretudo, colaborar para que estas se tornem realidade, concretizando o grande sonho de Moreno: desenvolver o potencial criativo do ser humano. O psicodrama, juntamente com outras doutrinas que

surgiram neste século, e o caracterizaram, já tem seu lugar na história. Um dos seus eixos fundamentais diz respeito à preocupação em construir uma sociedade mais solidária e democrática. Quando jovem, Moreno perseguiu esses ideais lutando, por exemplo, contra a discriminação de refugiados e prostitutas, como também professou a importância do anonimato como prova de entrega do ser humano a um projeto coletivo.

Se, em vez de nos preocuparmos com a consagração pública do psicodrama ou com o seu reconhecimento acadêmico, pudéssemos anonimamente contribuir para a consecução das idéias de justiça social e respeito aos direitos humanos, estaríamos inteiramente de acordo com os princípios morenianos, neste e no próximo século.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, M. *O teatro terapêutico*. São Paulo: Papyrus, 1990.

NAFFAH NETO, A. *Psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

PAWEL, C. H. Diário de um psicodramatista (na terra da Rainha). *Revista Brasileira de Psicodrama*, n. 6, 1988.

Resumo

O autor analisa os principais aspectos relacionados ao ingresso do psicodrama nas universidades, ao papel social do psicodramatista e à interação com outros profissionais de diferentes áreas.

Palavras-chave: Psicodrama, Universidade, Teatro de Reprise.

Abstract

The author analyses the main aspects that involves the practice of psychodrama into the universities, the psychodramatist' social role and the relationship between the psychodramatists and the professionals of the other diferent areas.

Key-words: Psychodrama, University, Playback Theatre.